

**DA EMPAREDADA DA RUA NOVA À PERNA CABELUDA: LENDAS
URBANAS E REPRESENTAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DO
SESC PIEDADE**

Laercio Queiroz

Resumo

Este relato é parte de uma experiência vivenciada em turmas do Ensino Médio e Fundamental da Educação de Jovens e Adultos, do Sesc Piedade, durante o segundo semestre de 2021. Objetivamos experienciar as lendas urbanas como uma maneira de manter viva a tradição, entendendo que elas fazem parte da cultura da sociedade. A partir de gêneros discursivos, incentivar a prática da oralidade e da escrita; estudar quatro gêneros que se sustentam na oralidade: a narrativa de assombração, o conto infantil, a mitologia grega e o drama. Para tanto, apoiamos-nos, principalmente, nos estudos de Bakhtin [2010], que nos auxiliou quanto ao dialogismo nos enunciados, Marcuschi [2008] para nos guiar nos caminhos dos gêneros discursivos e suas particularidades e Dominguez [1978] quando nos aponta o uso do teatro em sala de aula. A experiência pretendeu, a partir de diversas maneiras de vivenciar os gêneros em estudo, colaborar para que os estudantes entendessem a sua importância na sociedade, além de entender a presença da oralidade em público.

Palavras-chave: *Dialogismo; Gêneros discursivos; Variação linguística; Oralidade; Drama.*

Abstract

This report is part of an experience still lived in Sesc Piedade's Secondary and Elementary School classes in Youth and Adult Education. Some of the actions exposed here were carried out and others will still take place in the second half of the year. The objectives are: To rescue urban legends as a way to keep tradition alive, understanding that they are part of society's culture; From discursive genres, encourage the practices of orality and the writing of urban legends; to study three genres that are supported by orality: traditional folk poetry, that is, booklet literature, haunting narratives and drama. Therefore, we rely mainly on the studies of Bakhtin [2010], who helped us with the dialogism in utterances, Marcuschi [2008] to guide us in the paths of discursive genres and their particularities, and Dominguez [1978] when he points out the use of theater in the classroom. The experience intends, from different ways of experiencing the genres under study, to help students revisit linguistic variation, understand its importance in society, in addition to encouraging them to use orality in public.

¹ Professora da rede SESC de Pernambuco, graduada em Licenciatura em Arte Cênicas pela UFPE, Especialização incompleta em Cultura Pernambucana

² Professor da rede Sesc de Pernambuco, integrante da Comissão Pernambucana do Folclore e, sob a égide desta, realiza pesquisas sobre poéticas da oralidade feminina. Graduação em Letras [FACHO] Mestrado em Teoria da Literatura [UFPE], Especialista em Antropologia [UFPE], Doutorado em Linguística [UFPB].

Keywords: Dialogism; Discourse genres; Linguistic variation; Orality; Drama.

Introdução

Embora na contemporaneidade, conheça-se a importância de se estudar a linguagem de modo a reconhecer as diferentes flexões, ainda há questionamentos quanto à valoração da oralidade. Alguns profissionais deste campo ainda se esquecem da fortuna linguística proporcionada pelo estudo dos diversos gêneros discursivos e desconsideram, ou pouca importância dão, aos gêneros primários³.

No cotidiano, são estes os que mais se aproximam da realidade vivida, e, de acordo com Marcuschi [2003], podem se realizar formalmente ou informalmente, e, não raro, acontecem de maneira espontânea, portanto, sem planejamento prévio. O diálogo cotidiano, de modo geral, realiza-se sem que possamos estruturá-lo antecipadamente, e nos exige certa habilidade a fim de que a mensagem por nós veiculada seja eficaz.

Sabe-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam para a importância de as atividades escolares serem capazes de dialogar com a realidade do estudante. Nesse caminho, cabe ao professor criar condições que oportunizem aos discentes o conhecimento de aspectos socioculturais factuais, tornando a aprendizagem significativa. Seguindo Vygotsky (1998), a mediação é o processo de relação dos seres com o mundo e com outros seres. Assim, será, a partir do convívio do estudante com o real, que ele se instruirá e terá uma aprendizagem significativa e integradora.

De acordo com Bakhtin [2010], os seres humanos, nos diversos espaços, fazem uso dos gêneros, estes existem porque a língua é um instrumento de interação social dinâmica que contribui para a transmissão de conhecimento, é impossível se comunicar sem o uso de, no mínimo, um gênero discursivo.

Por essa razão, as disciplinas relacionadas à linguagem devem ser associadas à situação concreta de comunicação, comprometida com a produção da escrita, leitura e oralidade, possibilitando aos estudantes uma relação com o código que os tornem

³ Bakhtin (2010, p.285) classifica de gêneros primários aqueles constituídos na vida social imediata, no cotidiano, especialmente em formas orais de interação verbal. As narrativas do cotidiano estariam aí situadas, nesse universo familiar, fluido, fluente, próprio das vidas humanas. Estão relacionados com o uso imediato, são espontâneos. Consideram-se primários exatamente devido à informalidade, pois estão presentes nas situações comuns do convívio.

capazes de se comunicar com eficácia nas diversas variantes existentes do idioma pátrio, bem como em várias situações de uso.

Referencial Teórico

Há muito, pesquisadores de educação debatem sobre a necessidade de mudanças nas práticas pedagógicas, buscam conscientizar professores de que, sendo o objetivo do ensino o estudante, este deve ser protagonista na aprendizagem. Ainda assim, não raro, há professores que continuam a assumir uma postura que dialoga com a educação bancária [Freire, 1997], quando o estudante é mero coadjuvante do processo de ensino-aprendizagem e depende, exclusivamente, do professor, a fim de adquirir conhecimentos e solucionar situações-problema.

De acordo com Moran [2014], “aprendemos de várias formas: em redes, sozinhos, por intercâmbios, em grupos etc.” Hoje a escola se encontra em uma encruzilhada onde nunca esteve: precisa repensar as metodologias ao mesmo tempo em que busca ressignificar o ensino. Necessita de estratégias capazes de seduzir os alunos a participarem do processo de aprendizagem de maneira mais prazerosa e ativa. Por essa razão, convém rever, não apenas o currículo, porém também as metodologias, pois as estratégias de ensinagens de séculos anteriores não são tão eficazes na contemporaneidade.

O trabalho com textos oferta várias táticas, porque a infinidade de gêneros nos possibilita dialogar com todos os domínios de interação social. Podem-se eleger a entrevista, o poema, o seminário, o discurso, a homilia, o poema e, no caso em questão, o drama.

A teatralidade nasce com o ser humano, aliada à sua capacidade de simbolização e de jogo a ser desenvolvida mais tarde, na fase da abstração. Basta lembrar que, nos jogos infantis, existe a dimensão lúdica, do faz de conta. Eis a razão da facilidade do uso do teatro em sala de aula. [MARKO, 2011]

Entende-se que, quanto aos gêneros literários, o drama se caracteriza pela representação, ou seja, a encenação. Divide-se em comédia, quando pretende provocar o riso do público através da ridicularização de personagem, e a tragédia cuja temática esta associada à fatalidade. Embora seja esta definição convencional, entende-se que a literatura é híbrida e, portanto, reinventa-se. Por este prisma,

encontraremos representação teatral que não se prende ao conceito clássico desta arte. E pode, apenas pela encenação, associar-se ao teatro.

A ideia da representação na educação não é recente. Cá no Brasil, por exemplo, é público que, durante o período colonial, o Pe. José de Anchieta fez do teatro instrumento pedagógico com finalidade catequética. Na escola, o drama auxilia em diversas frentes: estimula a leitura, a produção textual, a oralidade, a performance e promove a socialização.

Para Dominguez (1978), trabalhar com teatro na escola ajudará a desenvolver, no estudante, espontaneidade, aceitação de regras, criatividade, autoconhecimento, senso crítico, raciocínio lógico, intuição, conhecimento do grupo, de si próprio e do ambiente. Afirma ainda o estudioso que o teatro auxilia no desenvolvimento social, intelectual e cultural do aluno, pois [...] a dramatização é importante para oferecer a vantagem de desinibir os indivíduos mais tímidos e por prender a atenção daqueles que se dispersam facilmente [...] (FERNANDES, 2003). E, para Aristóteles (1986), o jogo, ou seja, o lúdico, na educação, aponta para a vida e proporciona prazer.

Pensando assim, durante o segundo semestre de 2021, decidimos usar, entre outros, os gêneros lenda urbana e drama como instrumentos para consecução de uma prática onde coexistiram disciplinas do eixo Linguagens códigos e suas Tecnologias, quais sejam, Língua Portuguesa e Artes Cênicas.

“Assombração do Recife”

Até final do século vinte, era comum ouvir adultos comentarem sobre certo homem que, em determinada época do ano, andava a raptar crianças cujo fígado lhe serviria de alimento. Os vizinhos o descreviam como um velho de orelhas grandes que trazia consigo um saco, era o Papa-figo. Durante o período, meninos hesitavam entre o prazer das brincadeiras de rua ou o receio de sair para não serem ceifado pelo andarilho.

Não menos assustadora era a narrativa da Perna Cabeluda que vivia assombrando os transeuntes ou invadindo casas a chutar as pessoas e a derrubar objetos. Estas lendas eram narradas pelos mais velhos ou reproduzidas por nossos iguais, ao relatarem que um amigo de um tio ou alguém próximo havia visto a tal Perna. Além destas, outras narrativas horripilantes eram contadas e, não raro, com finalidade didática, ainda que a metodologia não fosse das mais apropriadas.

Narrativas orais fazem parte da humanidade desde tempos remotos, os guardiões destas histórias preservam a tradição de seu povo, de sua comunidade. Segundo Benjamim (1994), “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”, através da oralidade, as narrativas são disseminadas e, ainda hoje, estão presentes no imaginário das pessoas.

As lendas urbanas são gêneros discursivos orais que exploram a fantasia. Ainda de acordo com Benjamim (1994), “As lendas são episódio heroico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. ”

Quanto à autoria, ninguém conhece o criador, ela povoa o imaginário das gentes que as repetem. Além disso, nelas, “[...] o narrador e os protagonistas da história são contemporâneos. Os fatos relatados se situam num passado recente” (RENARD, 1999). Ainda segundo este autor, não são socializadas apenas pela oralidade, sua divulgação conta com outros canais: imprensa, rádio, televisão, e, mais recentemente, a internet.

“Todo o texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1999). Nesta trilha, empenhamo-nos em incentivar a competência comunicativa dos estudantes lhes apresentando ou revisitando três gêneros discursivos: lenda urbana, literatura de folheto e drama. Os gêneros em estudo se relacionam, sobretudo, por serem literários, orais e pertencerem ao campo da ficção.

Ao trazê-los à baila, pretendemos levar ao espaço escolar gêneros menos densos, mais lúdicos, realizando com eles um estudo que priorize, antes de tudo, o texto sem as “amarras” gramaticais. Por essas veredas, Martins (2006) aponta que, “[...] em sala de aula, a literatura sofre um processo de escolarização, tornando-se alvo de discussões sobre como trabalhar o texto literário sem torná-lo pretexto para o ensino-aprendizagem de outras questões, como, por exemplo, algumas noções gramaticais. Assim, a motivação para o desenvolvimento desta experiência ocorreu pela intenção de proporcionamos aos discentes produções de gêneros discursivos para uma comunicação efetiva e real.

Metodologia

Para consecução do projeto, trilhamos as seguintes etapas:

No primeiro momento, conceituamos oralidade e escrita. Posteriormente, realizamos leituras compartilhadas de três lendas urbanas recolhidas do livro *Assombração do Recife Velho*, de autoria do sociólogo Gilberto Freyre. Após a leitura, caracterizamos e conceituamos o gênero em estudo, além de refletirmos sobre as possíveis razões do surgimento das narrativas de assombração.

Durante o referido encontro, os discentes expuseram suas experiências a cerca das lendas urbanas, apresentando depoimentos e opiniões sobre a existência dos mitos envolvidos. Informalmente, várias lendas foram citadas, com destaque para o Papa-Figo, a Loira do banheiro e a campesina Cumadre Folozinha, que foi tratada, por alguns alunos, como entidade verdadeira.

No segundo encontro, lemos três versões de contos infantis: *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o Pé de Feijão* e *João e Maria*. Em seguida, discutimos as semelhanças entre lendas urbanas e os contos.

A mitologia grega foi estudada no terceiro momento. Na ocasião, lemos a história do Minotauro, da Medusa e do mito de Édipo, sempre relacionando tais textos a aspectos das lendas urbanas e dos contos infantis. Depois de tentarmos dirimir dúvidas quanto à relação dialógica entre as narrativas estudadas, cimentando a reflexão de que apresentam congruências visíveis, assistimos a dois vídeos sobre a presença de lendas urbanas no Recife.

Em outra aula, pensando nos possíveis traços de personalidade e estética atribuídos às aparições lendárias, conforme nosso imaginário, solicitamos que os discentes se caracterizassem de modo a representar um dos seres fantásticos de que trata a lenda, transportando-o para o contexto contemporâneo, contudo sem se desvincular de aspectos essenciais da personalidade da assombração.

Posteriormente, experimentamos a metodologia intitulada *Aula Invertida* e recomendamos que assistissem, em casa, a um documentário que também trata de algumas lendas urbanas, o intitulado “*Assombração do Recife*”.

No encontro seguinte, discutimos sobre o documentário, e, ainda uma vez, houve estudantes que relataram conhecer algumas das lendas apresentadas no vídeo, além de mencionarem outras não encontradas na obra. Durante as duas aulas, dialogamos sobre o curta metragem associando-o aos textos de Gilberto Freyre.

Interessados em descobrir sobre alguns eventos narrados no livro, realizamos pesquisas na internet, a fim de verificar existência de lugares citados e alguns acontecimentos históricos. Tais como “*A Emparedada da rua Nova*”, “*A Cruz do patrão*”, o incêndio no Teatro Santa Isabel e a narrativa sobre a judia Branca Dias.

Sublinhando a importância da oralidade para a manutenção das lendas, solicitamos aos estudantes que estes colhessem, através de vídeos, depoimentos de pessoas da família ou do ciclo de amizade que conheçam, alguma lenda urbana ou rural. Para tal, os depoentes narraram a lenda conforme suas vivências. Estas narrativas foram editadas em um vídeo único que foi apresentado na culminância do trabalho.

Como tínhamos acesso a fotografias de cartas do túmulo da Menina sem nome,⁴ também as analisamos quanto à relação dialógica⁵ estabelecida entre elas. As cartas encontradas, no lugar onde os jazem os restos mortais da criança, pretendem o mesmo objetivo: alcançar uma graça. E os pedidos são de toda sorte, desde uma casa própria, à fidelidade do marido.

Importa dizer que os enunciados apresentam marcas de outros, pois como diz o pensador:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados [...] estão repletos de palavras dos outros. Elas introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. [...] Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, [...] descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 2010).

Entendendo a necessidade de que os alunos percebessem o diálogo entre os textos, realizamos a leitura das epístolas. Nas cartas à “Menina sem nome”, percebem-se as coincidências nos discursos. Neles, recuperam-se informações que os tornam elos de comunicação, reafirmando a interação verbal, todas apresentam a religiosidade e o desejo da realização de um milagre.

Continuamos a consecução do projeto, seguindo a orientação dos PCN quando apontam que “[...] a presença de outras linguagens que dialoguem com o texto verbal é bem-vinda”: a música, as artes plásticas, o cinema, o teatro e outros sistemas podem propiciar excelentes atividades intertextuais.

Indo ao encontro da orientação dos Parâmetros e do que nos ensina Bakhtin (2010) ao escrever que: “É no processo de interação social que a palavra significa, o ato de fala é de natureza social”, idealizamos um esquete sobre as lendas urbanas. A

⁴ Trata-se de uma criança que foi encontrada morta na praia do Pina e sua origem familiar jamais foi identificada, impossibilitando o conhecimento do seu nome. Em razão do crime, houve grande repercussão no Estado de Pernambuco. Anos depois, uma série de milagres passou a ser atribuído a ela, e hoje seu túmulo é o mais visitado do cemitério.

construção do gênero ocorreu a partir de exercícios teatrais práticos com os discentes, a fim de instrumentalizá-los a internalizarem as narrativas de assombração vivenciadas durante as aulas.

A metodologia usada no processo não pretendeu que os estudantes decorassem os textos a serem apresentados, contudo aprendessem as histórias e as narrassem de maneira espontânea, sob o uso da variante coloquial.

À medida que os textos eram criados, os estudantes realizavam adaptações: suprimiam falas, acrescentavam outras, idealizavam formas de apresentar o gênero e percebiam as relações dialógicas entre algumas narrativas, fato bastante corriqueiro nas culturas orais.

Figura 1 - Da esquerda, representação de Samara, do filme “O Chamado” e outra personagem da esquete.



Fotografia: Camila Sá

Pretendendo trazer ao esquete uma atmosfera mais apropriada à temática, usamos a audição do intitulado “Mistério do Além”, programa exibido pela rádio Clube de Pernambuco, até início dos anos oitenta do século XX, apresentado por Jota Austregésilo. Para concepção da representação, realizaremos alguns ensaios durante as aulas, e, ao final do semestre, durante a culminância dos trabalhos escolares, os alunos apresentaram para a comunidade escolar o drama produzido.

Figura 2 – A Velha da praça



Fotografia: Camila Sá

Considerações Finais

Durante a construção do conciso projeto já narrado acima, tendo em mira as lendas urbanas, pretendemos estudar gêneros discursivos que dialogassem com a oralidade. A intenção primeira era por os estudantes em contato com tais textos a fim de, não apenas os conhecerem, porém também os produzirem, compreendendo a aparição deles no cotidiano como registro da oralidade.

Para tornar a aprendizagem mais significativa, optamos por construir um esquete, pretendendo exercitar a oralidade, promovendo aos alunos o desenvolvimento desta linguagem no diálogo face a face.

No início dos estudos, buscou-se, a partir de documentários alusivos ao assunto, não apenas apresentar lendas, mas, igualmente, revelar como elas são entendidas na sociedade e o interesse que as pessoas têm, mesmo na contemporaneidade, em ouvi-las, conhecê-las.

Provavelmente, dentre os momentos do processo, merece destaque a concepção do esquete. Não apenas pela autonomia que se exigiu aos alunos, porém, e principalmente, por trabalhar o controle emocional destes perante o público.

Assunto tão caro na atualidade, ao longo do trabalho, as variações de linguagem foram percebidas como realidade e necessidade da língua, possibilitando aos discentes, entenderem a importância das diversas flexões do idioma e, sobretudo, compreenderem que elas enriquecem a fala.

Durante o processo, verificamos ainda as semelhanças entre a forma dos enunciados, as convergências temáticas, além de divergências e particularidades de cada gênero estudado.

Afigura-nos que os conteúdos em estudo despertaram, nos alunos, um interesse em participar da investigação dos sistemas examinados, além de reforçar o contato com diversos níveis de linguagem e a produção de texto de dois gêneros discursivos.

Finalizando, ressaltamos que os gêneros investigados neste trabalho, principalmente no que se refere aos contos de assombração, suportam ainda várias investigações, não apenas quanto à linguagem, mas também como matéria prima de outras disciplinas das ciências sociais. Aqui, sinalizamos apenas a estratégia que usamos para trazer à baila gênero pouco usado no contexto escolar.

Referências

ARISTOTÉLES. **Arte poética**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

DOMINGUEZ, José Antonio. *Teatro e educação: uma pesquisa*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1978.

FERNANDES, Lorimier Dirce. A literatura infantil. Cap. 1, pag. 27. São Paulo: Edição Loyola, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Rio de Janeiro: 2ª ed. Editora Livraria José Olympio, 1970.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARKO, Leslie. **Teatro em sala de aula: um novo olhar que toca e transforma**. PORTAL – ABRACE, 2011 - UFRN.

MARTINS, I. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?** In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.) 3ª. ed. Português no Ensino Médio e Formação do Professor. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAN, J.M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

RENARD, Jean Bruno, Rumeurs et légendes urbaines. Paris: PUF, 2002.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.